

A Ternura Lusitana ou a Alma da Raça

Pauly Ellen Bothe*

Keywords

Fernando Pessoa, Portuguese Literature, Lyric Poetry, Walt Whitman, Verlaine.

Abstract

This text, often quoted, was only partially known until today. The finding of a second page pertaining to the same document has revealed the erroneous reading of the, until now considered, last word of the document, and in so doing a more accurate understanding of the actual idea conveyed by Fernando Pessoa.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Literatura Portuguesa, Poesia Lírica, Walt Whitman, Verlaine.

Resumo

Este texto, frequentemente citado, era conhecido até agora só de maneira parcial. A descoberta duma segunda folha relativa a este documento revela a leitura errónea daquela que até agora era considerada a última palavra do documento e o desfecho real da ideia exposta por Fernando Pessoa.

* Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM.

Em 1967, Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho publicaram uma parte do texto que se revela a seguir (BNP/E3, 19-107), em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, sem indicação de incompletude. Este não é um caso invulgar na edição dos textos de Fernando Pessoa, já que muitos dos seus textos têm sido publicados de forma parcial, quer porque uma parte não foi localizada, quer porque se considerou que uma parte era o todo. Além disso, pelo espólio pessoano passaram muitos investigadores antes do inventário oficial realizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), e é possível que alguns dos primeiros visitantes das arcas tenham alterado a ordem primigénia de alguns papéis e de alguns envelopes. Hoje não sabemos ao certo qual foi essa ordem ou se ela realmente existiu, mas o certo é que a ordem actual dos autógrafos pessoanos é equívoca e propicia omissões como a do caso presente.

O texto ora apresentado foi provavelmente projectado como um ensaio. Como muitos manuscritos de Pessoa, este foi redigido no verso de um impresso de *Proposta para Hypotheca*. Refira-se, a este respeito, que existem dois “espécimenes” deste tipo de impresso no espólio pessoano: um, com indicação de data de “19--”; e outro, de “191-“. A datação proposta por Lind e Coelho, “1915”, responde a um estudo da evidência material e depende da datação aproximada de outros materiais manuscritos no mesmo tipo de suporte. O texto intitulado *A Ternura Lusitana* poderá ser de c. 1913-1915.

Durante as pesquisas que me permitiram levantar os materiais necessários para uma edição de textos de Fernando Pessoa sobre literatura e arte – os quais ampliam consideravelmente o volume dos escritos já recolhidos em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* –, localizei, em 2012, a segunda folha do ensaio referido (BNP/E3, 14³-30). Esta folha revela que os leitores das *Páginas* de 1967 tínhamos lido apenas uma parte do texto manuscrito por Pessoa e que ainda desconhecíamos o desenvolvimento final desse texto e o de alguns dos seus argumentos.

Anexo¹

A Ternura Lusitana

ou A Alma da Raça

O costume de definir o portuguez como essencialmente lyrico, ou essencialmente amoroso – absurdo, porque não ha povo quasi nenhum que não seja estas duas cousas. Ao mesmo tempo vê-se que, ainda que a expressão falhe, ha qualq̃er cousa de verdade, que não chega a descobrir-se, n’estas phrases.

O que é que ha de² quasi-indefinivelmente³ portuguez, de portuguezmente commum⁴, excepto a lingua a Bernardim Ribeiro, Camões, Garrett, Anthero de Quental, Antonio Nobre, Junqueiro, Corrêa d’Oliveira, Pascoaes, Mario Beirão?

Em primeiro lugar, é uma *ternura*. Mas o que é uma⁵ ternura?

[107*] Ternura vaga e □ em Bernardim Ribeiro, ternura que rompe a casca de estrangeirismo de Camões, no seu auge ternura heroica □, ternura metaphysica em Anthero (curiosissima phase da ternura que⁶ dá corpo ao abstracto, e pode amar realmente um Deus⁷ que seja realmente uma formula mathematica); ternura por si proprio e pela sua terra – *esquiva, espontanea e com o lado-tristeza accentuado, em Antonio Nobre⁸, ternura pela paysagem em Fialho, ternura que chega a assomar ás janellas da alma de Eça de Queiroz □

Chamar ao sol “solsinho de Deus” é um phenomeno especial de ternura. N’essas phrases do povo está o germen de todo o pathos⁹ [14³-30⁺] portuguez moderno, que não é a paixão feroz, verdadeiramente sexual¹⁰, que Walt Whitman tem pela Natureza.

—
A ternura não é a compaixão. É mais humilde.
—

A ausencia de ternura *insinua immediatamente uma obra como a-lusitana. A exclamação espontanea – é tão pouco nosso! –¹¹ que certas creaturas teem ante p[or] ex[emplo]¹² Eça e Antonio Patricio.

¹ Agradeço a Jerónimo Pizarro e a José Barreto pela ajuda na decifração deste documento.

² há<,> de] *vírgula riscada*.

³ indefinivelmente] *no original*.

⁴ <commum->[↑ de portuguezmente]mente comum

⁵ essa [↑ uma] *variantes alternativas*.

⁶ (curiosissima phase da ternura<),> que

⁷ e pode amar [↑ realmente] um Deus

⁸ *Segue-se, entre parênteses rectos, indicando hesitação, um esboço de nota: [1 *Nota sobre o S[á]-C[arneiro]]]*

⁹ pathos] *Lind e Coelho lêem “pátrio” e acrescentam um ponto final para “fechar” o texto.*

¹⁰ a paixão <sexual> feroz, verdadeiramente sexual

¹¹ A exclamação espontanea <que varias ve> [↑ – <tão> é tão] pouco nosso! –

¹² [↑ p. ex.] *acrescento abreviado*.

—

Em Verlaine não haverá ternura? (Verlaine e Antonio Nobre □

[30a:]

A ternura pode ser

(1) pelas cousas.

(2) por si-proprio.

(3) □

A ternura por si-proprio dá um phenomeno immediato – o *desdobramento da individualidade*. Dois exemplos d’essa ternura existem sentidos entre nós – Antonio Nobre e Mario Beirão.

—

A ternura pelas cousas¹³ – Antonio Corrêa d’Oliveira, ou Af[fonso] L[opes] V[ieira] (em quem, ás vezes, toma fórmulas ridiculas) □

¹³ A ternura <vaga> pelas cousas

X₁.1¹⁹⁻¹⁰⁷

A Ternura Lusitana

A Alma da Raça

O costume de defini-
 ções o português
 como essencialmente lírico, ou
 essencialmente amável — admitt
 porque não ha piro q'nos valem
 que são de já estas duas coiza. Os
 termos tempo vi, se que, ainda
 que a expressão fôrta, ha
 qualquer coiza de certo, q'
 não chey a descher n' a estas
 phrasas.

O que i que ha de quasi, eufem
 velmente português, ~~de português~~
 ment commun, excepto a lingua
 a Bona da Ribe, Camões, Jant
 Antunes d'Alente, Ant n'ise,
 Junqueira, Corio d'Alto, Paves,
 Non d'Alto?

Em portuguez lizo, e' uma
 ternura. Mas o que i ^{uma} ternura?

Fig. 1. BNP/E3, 19-107.

2
19-107a.

Ternura vaga em Paulo
Pádua; ternura que rompe a
coroa de estrangeirismos e canções,
no seu arcepo ternura hebreia

Ternura metafísica em Antão
Carrionissa (phor de ternura
que dá corpo aos abstractos, e põe
amor ^{no} um Deus que se põe a debater
uma pergunta matemática); ter-
nura por si própria e pelo seu
tem - enigma, espontânea e com
o lado todo accentado, em
António bebe [António de S.C.]
ternura pela progressão em Fátima,
ternura que chega a assombrar
as janelas de Alca de Ceg, de
Quercy

Chamar ao sol "Solinho de Deus"
é um phenomenon especial de
ternura. Outros phorões de ternura
são o sorriso de todo o fado.

Fig. 2. BNP/E3, 19-107a'.

4
14² - 30a

A Ternura por si
 (1) pelas causas,
 (2) por si proprias,
 (3)

A ternura por si proprias de
 um phenomeno immortale -
 o desdicho do mortal
 Descripto d'uma ternura
 este sentimento entre si -
 luctuosos fôrta por
 Brum.

A ~~ternura~~ pelas causas -
 Anterior com o de, e
 Aff. L. V (em que se vê,
 uma forma ridicula)

Fig. 5. BNP/E3, 14²-30a^r.

